



São Roque

FAIANÇA PORTUGUESA



São Roque

ANTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE

AGRADECIMENTOS § A Vitor Serrão, Alexandre Pais, António Miranda e Nuno Silva pela sua inestimável colaboração.

São Roque



São Roque

ANTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE

SÃO ROQUE RUA DE S. BENTO, 199B § 1250-219 LISBOA § T+F 213 960 734 § SÃO ROQUE<sup>too</sup> RUA DE S. BENTO, 269 § 1250-219 LISBOA § T 213 970 197  
T 962 363 260 § E GERAL@SAOROQUEARTE.PT § WWW.ANTIGUIDADESSAOROQUE.COM



## FAIANÇA PORTUGUESA

A evolução da cerâmica portuguesa é um dos mais interessantes legados plásticos da época dos Descobrimentos. Com a descoberta do caminho marítimo para a Índia e a consequente criação de novas rotas comerciais, a Europa assistiu deslumbrada ao fluxo de produtos de luxo que chegavam ao porto de Lisboa.

Particularmente receptiva se mostrou a corte portuguesa às delicadas porcelanas, cujo prestígio crescente estimulou a especialização e aperfeiçoamento dos artífices portugueses no fabrico de faianças que deveriam, tanto quanto possível, imitar ou igualar a qualidade das porcelanas orientais.

À tradição e ao gosto nacional aliou-se o encanto por modelos e formas decorativas chinesas e, dos séculos mais puristas dos começos do século XVIII – divulgados e apreciados na Europa e nas Américas – às peças com estilizações de maior espontaneidade e originalidade do final desse século, revela-se toda uma aculturação artística cujos resultados ainda hoje agradavelmente nos surpreendem, e cujo significado, transcendendo limitadas fronteiras geográficas ou políticas, se insere indubitavelmente na história da cultura universal.

A memória dessas viagens, das aventuras e trocas comerciais e da subsequente aculturação, ficou também exemplarmente registada na produção azulejar: a herança hispano-mourisca, as técnicas e gramáticas ornamentais italianas, os motivos dos bordados indo-portugueses, da arte mogol e chinesa, permitiram, na sua conjugação, a completa autonomia e emancipação plástica da faiança.

Os movimentos de transculturação ocorridos ao longo dos séculos XVI e XVII foram especialmente marcantes na nossa produção de faiança, umas das artes decorativas que

se mostrou mais receptiva à integração dos motivos extra-europeus que, pela primeira vez, tinham começado a afluir em grande quantidade ao velho continente.

O fabrico da faiança vidrada em Portugal rapidamente atinge um período de esplendor. De facto, para além de se conseguir ilustrar, de forma exemplar, a sedução que o oriente exerceu nos artistas portugueses, estas faianças revelam a grande capacidade criativa destes artífices, que não se limitam a copiar a temática oriental, antes dela se servem como uma inspiração e um desafio. Assim, as formas e as decorações que se vão buscar à porcelana chinesa são, geralmente, adaptadas e integradas com grande sucesso nas formas ocidentais e mesmo nas formas tradicionais portuguesas.

Para Reynaldo dos Santos, a faiança portuguesa desenvolveu-se em vários ciclos, que se vão distinguindo pelas suas características próprias.

O primeiro é o da “decoração geométrica”, dita islâmica, em que a composição usa densamente estes elementos aplicados nas abas. Os seus temas estilizados frequentemente extravasam das abas para “oprimir” a decoração central, onde a inspiração é claramente oriental.

Segue-se o ciclo dos “pré-aranhões”, inspirado na decoração da porcelana do reinado Wanli, designada por *kraak*, o termo holandês que se refere às carracas, embarcações portuguesas que transportavam as mercadorias vindas do oriente. Aqui, o uso do azul-cobalto é predominante, os motivos centrais são orientais e portugueses, mas a característica mais marcante são as abas, com interpretações deturpadas dos símbolos budistas frequentemente usados na porcelana chinesa, fazendo uso de reservas e de secções



com “cordão duplo e selo”; é este detalhe que permite distinguir as faianças “pré-aranhões” das de “decoração aranhões”.

Posteriormente aparece o “desenho miúdo”, faiança produzida entre 1650 e 1675; a decoração é inspirada nas porcelanas chinesas do chamado “período de transição”, anos tumultuosos em que ocorre a passagem da dinastia Ming à dinastia Qing. Os elementos decorativos são tanto orientais como ocidentais, misturando paisagens exóticas com casarios e personagens chinesas e portuguesas, incluindo animais. Este ciclo apresenta, portanto, uma temática híbrida, utilizando a cor azul-cobalto e o roxo vinoso de manganês a contornar as figuras.

Segue-se a mais emblemática das decorações da faiança portuguesa do séc. XVII, denominada de “aranhões”, designação que se refere a um elemento decorativo da aba, o aranhão, que é a representação detachada das “flores de artemisa” e dos “rolos de pintura com laçaria” típicos da decoração Wanli. Alternam com uma interpretação dos “ramos estilizados de boninas” designados comumente por “dois pêssegos com ramagens”. Ao centro diversos temas, tanto de influência oriental como de elementos portugueses, que são os mais abrangentes.

Por fim, as decorações diversas, onde já se faz sentir a eclosão do estilo barroco, mostram uma maior liberdade decorativa do criador. Assistimos a um desaparecimento gradual dos temas chineses, substituídos por motivos com raízes nacionais, assumindo com naturalidade uma pintura mais rústica, o que resulta no aparecimento de novos elementos decorativos, como a decoração da faixa barroca, a decoração de contas, a decoração de rendas e a decoração caligráfica.

Em resumo, podemos afirmar que a faiança seiscentista é um dos reflexos apaixonantes

das nossas relações com o Oriente e da sedução que esta arte exerceu sobre toda a Europa.

A sua evolução é um exemplo da génese de uma renovação sob influência de um novo gosto, cuja força de sedução leva no início à cópia do modelo, e em seguida, à introdução dos temas nacionais.

Abre-se então uma nova fase, que é já de assimilação e que a leva a difundir-se, das classes cultas a que o seu requinte inicial se dirigia, às classes médias ou mesmo populares, para quem os temas nacionais se tornavam mais aliciantes.

E assim, após a ascensão que culminara em meados do século XVII (quando começa a produção em Delft), viria a decadência dos temas orientais, simplificados, incompreendidos, restringidos a formas primárias onde desaparece a subtileza simbólica e o requinte de desenho dos antigos modelos dos Mings; a decoração toma uma feição mais popular, embora com algum carácter, já sem estilo nem finura. É a perda dos motivos orientais e, mais que dos temas, do próprio espírito: o estilo nacional ganha percurso, o que irá caracterizar a faiança portuguesa ao longo dos anos.

Vd. - SANTOS, Reynaldo dos; *Faiança portuguesa séculos XVI e XVII*; Livraria Galaica; Lisboa, 1960

- SANDÃO, Arthur de; *Faiança Portuguesa Séculos XVII-XIX*; Livraria Civilização; Barcelos, 1988

- PAIS, Alexandre Nobre; *Faiança Portuguesa da Fundação Carmona e Costa*; Assírio e Alvim; Lisboa, 2003

- QUEIRÓS, José; *Cerâmica Portuguesa e Outros Estudos*; Editorial Presença; Lisboa, 2002



### 01. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, “Espigas”

Lisboa (?), 1600-1620

Dim.: 36,0 cm

C435

A LARGE “ESPIGAS” DISH

Glazed portuguese faience

Lisbon (?), 1600-1620

Dim.: 36,0 cm

Invulgar e raríssimo prato de faiança portuguesa, do início do século XVII, com covo acentuado, aba lisa e levantada, coberto de esmalte branco e decoração pintada a azul-cobalto.

O fundo é preenchido por paisagem bucólica, com fidalgo em traje de influência espanhola, justificada pela governação filipina em Portugal na época. Traja corpete, calções tufados, saiote e chapéu de plumas, e tem à cintura uma espada e um espadim. O tema central está rodeado por duplo filete.

Na aba, numa cercadura, sete pêssegos alternam com padrão de quadrícula, com separadores elípticos, considerados por alguns como espigas.

Verso com doze filetes oblíquos.

Realçamos a raridade desta peça, atribuível ao início do século XVII, possivelmente de exportação para a Holanda (?). É muito invulgar a decoração com figuras humanas, no primeiro quartel do séc. XVII, sendo que a maioria dos exemplares que se conhecem são ornamentados com animais. Por outro lado, a aba apresenta uma característica muito peculiar, os separadores em forma de folhas para alguns, espigas, que justificam o nome com que esta decoração é conhecida.



São Paulo





## 02. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, "Decoração geométrica"  
Lisboa (?), 1620-1640  
Dim.: 32,0 cm  
C434

A LARGE "GEOMETRICAL" DISH  
Glazed portuguese faience  
Lisbon (?), 1620-1640  
Dim.: 32,0 cm

Extraordinário prato de faiança portuguesa com decoração geométrica, dita islâmica, na aba e paisagem no centro, inspirada na porcelana chinesa do reinado Wanli.

Decorado a azul-cobalto, no fundo um dodecágono com uma composição onde se destaca uma ave a levantar voo de um charco e vegetação exótica.

A aba apresenta decoração com seis reservas de padrão geométrico, onde alternam triângulos e trapézios irregulares preenchidos por espirais, separadas por colunelos com serpentinas estilizadas.

Esta composição islâmica estende-se para além da aba até ao covo, um aspecto, segundo Reynaldo dos Santos, típico do 2º ciclo.

Verso da aba com uma sequência de "s" sinuosos separados por tripos filetes em azul-cobalto.



Sã o Paulo No que



### 03. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, “Pré-aranhões”  
Lisboa (?), 1620-1630  
Dim.: 40,0 cm  
C432

A LARGE “PRÉ-ARANHÕES” DISH  
Glazed portuguese faience  
Lisbon (?), 1620-1630  
Dim.: 40,0 cm

Excepcional prato de faiança portuguesa de grandes dimensões, de covo pouco acentuado e de aba levantada. Coberto de esmalte branco, a decoração é pintada a azul-cobalto, com inspiração na porcelana chinesa dita *kraak*, do período Wanli, dinastia Ming.

Centro decorado com uma cena de caça, com um cão a perseguir um lebrão, numa paisagem exótica de que se destacam pagodes com varandim, ramagens e flores.

Aba com profusa decoração seccionada em oito reservas, separadas por colonelos de laçadas com “selos” suspensos, onde pares de rolos de pintura alternam com frutos geminados e uma estilização da roda budista.

Reverso da aba esboçando oito reservas com uma flor ao centro, separadas por colonelos estilizados.

Figurou em: / Exhibited at:

- Exposição de Cerâmica Ulissiponense; Lisboa, 1936





São Paulo



#### 04. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, “Pré-aranhões”  
Lisboa (?), 1620-1630  
Dim.: 37,8 cm  
C431

A LARGE “PRÉ-ARANHÕES” DISH  
Glazed portuguese faience  
Lisbon (?), 1620-1630  
Dim.: 37,8 cm

Fantástica faiança portuguesa da primeira metade do século XVII, inspirada na porcelana chinesa do período Wanli, dinastia Ming.

Prato de grandes dimensões, de covo pouco acentuado e de aba levantada, esmaltado a branco e decorado a azul-cobalto.

Fundo preenchido por exuberante paisagem de inspiração oriental, com aves sobre rochedos, possivelmente uma cegonha alimentando a sua cria, numa vegetação exótica com casario.

Aba preenchida por oito reservas alternando rolos de pintura com laçaria – símbolo dos letrados das Cem Antiguidades Chinesas – e painéis de frutos geminados com pé espinhado, separados por colunelos de laçadas com “selos” suspensos.

Reverso da aba decorado com oito reservas com folha de palma, separadas por traços verticais, inspirados da decoração *Kraak*.

A grande determinação e vontade da parte dos oleiros e comerciantes portugueses de imitar na perfeição as peças vindas do Oriente levou-os a copiarem, não só, os modelos e a ornamentação de simbologia chinesa, mas também a monocromia, usando unicamente o pigmento azul na decoração.





Sã o Paulo Universidade





**05. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES**

Faiança portuguesa, "Pré-aranhões"

Lisboa (?), 1640-1650

Dim.: 38,0 cm

C433

A LARGE "PRÉ-ARANHÕES" DISH

Glazed portuguese faience

Lisbon (?), 1640-1650

Dim.: 38,0 cm

Raro prato de faiança portuguesa do século XVII, de covo pouco acentuado, aba larga levantada e pequeno frete recuado.

Em faiança coberta de esmalte branco a decoração, pintada a azul-cobalto, segue o padrão típico da porcelana *Kraak*, do período Wanli, dinastia Ming.

O fundo está totalmente preenchido com um brasão de armas coroado e esquartelado, possivelmente da família Mascarenhas e Silvas (?).

Aba dividida em 8 painéis, decorados alternadamente com corolas de crisântemos, folhas de artemisa com cordões enrolados e ramos estilizados de boninas, separados por colunelos de laçadas com losangos suspensos.

Tardoz da aba decorado com oito motivos iguais em reserva, com uma flor estilizada no centro, separados por traços verticais.



São Paulo



#### 06. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, “Desenho miúdo”  
Lisboa (?), 1660-1680  
Dim.: 39,0 cm  
C421

A LARGE “DESENHO MIÚDO” DISH  
Glazed portuguese faience  
Lisbon (?), 1660-1680  
Dim.: 39,0 cm

Excepcional prato de faiança portuguesa de grandes dimensões, com covo pouco acentuado e de aba levantada, coberto de esmalte branco e pintado a azul e vinoso de manganês, num minucioso trabalho de composição designado de “desenho miúdo”.

A decoração é exclusivamente de origem chinesa com o covo e a aba preenchidos por paisagem orientalizante.

No centro surgem dois monges budistas, caminhando sobre uma ponte e segurando uma *umbela* numa profusa composição vegetalista.

De assinalar a assimetria da composição da aba, como que a contar uma história. Casario, moinhos holandeses, cães, aves, árvores, flores, folhas e plumas, em desenho muito miúdo mas perfeitamente enquadrado num tema.

As representações simbólicas são um apanágio da porcelana da China e, quando usadas na faiança portuguesa, são elementos meramente decorativos.

No verso da aba quatro apontamentos vegetalistas equidistantes.





São Paulo



#### 07. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, “Desenho miúdo”  
Lisboa (?), 1660-1680  
Dim.: 37,0 cm  
C423

#### A LARGE “DESENHO MIÚDO” DISH

Glazed portuguese faience  
Lisbon (?), 1660-1680  
Dim.: 37,0 cm

Exuberante prato de aparato, em faiança de grandes dimensões, com covo pouco acentuado e aba levantada, coberto de esmalte branco e decorado com “desenho miúdo” a azul e roxo vinoso.

O centro é preenchido com brasão de armas da família Almeida Ozório encimado por elmo com paquife, inscrito numa faixa decorada com “grupos de três contas” colocadas em triângulo, assemelhando-se à cabeça de um *ruyi*.

Decoração circundante na aba com vegetação luxuriante, plumas, casario e moinho holandês e outros elementos arquitectónicos.

Tardoz com quatro ramos pintados a azul e vinoso. Tema recorrente na porcelana da China, copiada pelos nossos oleiros desde muito cedo. *Ruyi* é um objecto decorativo utilizado como ceptro em cerimónias religiosas budistas na China, mas é também um talismã que simboliza “Poder” e “Boa Sorte”. A sua cabeça é triangular com linhas lobadas.





Sã o

Moque



**08. BACIA DE GRANDES DIMENSÕES**

Faiança portuguesa, “Desenho miúdo”  
Lisboa (?), 1660-1680  
Dim.: 33,2 cm  
C419

**A LARGE “DESENHO MÍUDO” BASIN**

Glazed portuguese faience  
Lisbon (?), 1660-1680  
Dim.: 33,2 cm

Rara bacia de faiança portuguesa, de covo acentuado, aba chanfrada e bordo com rebordo canelado. Faiança com esmalte branco e decoração de “desenho miúdo” pintada a azul e vinoso de manganês. Centro preenchido com profusa decoração onde se destaca a cruz da Ordem de Malta ao centro, rodeada por vegetação com aves pousadas em ramos e charcos. Esta composição está circundada por “orla das três contas” limitada por dois filetes azuis.

Na aba o típico padrão de desenho miúdo, com animais – gazelas e aves – casario e vegetação diversa. Tardoz com quatro ramos pintados a azul e vinoso.



São Paulo





### 09. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, “Desenho miúdo”  
Lisboa (?), 1660-1680  
Dim.: 32,9 cm  
C422

A LARGE “DESENHO MIÚDO” DISH  
Glazed portuguese faience  
Lisbon (?), 1660-1680  
Dim.: 32,9 cm

Raro prato de faiança portuguesa, de covo acentuado e aba lisa. Faiança com esmalte branco e decoração de “desenho miúdo” pintado a azul e vinoso de manganês.

No fundo, como motivo central, figura de cupido numa paisagem exótica com casario oriental, inscrito numa barra de contas limitada por dois filetes a azul.

A aba apresenta uma composição de animais – gazelas e aves – numa paisagem com vegetação exótica e casario oriental.

O tardoaz exibe quatro ramos pintados a azul e vinoso e a marca de posse (?) VAS BOAL.

Ornamentação inspirada nas decorações da porcelana da China do “período de transição”, da dinastia Ming, para a dinastia Qing (1620-1683), que se caracteriza pela diversidade e pulverização dos elementos decorativos irradiando a superfícies dos objectos.





#### 10. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, "Aranhões"  
Lisboa (?), 1660-1680  
Dim.: 39,0 cm  
C420

A LARGE "ARANHÕES" DISH  
Glazed portuguese faience  
Lisbon (?), 1660-1680  
Dim.: 39,0 cm

Belo prato de faiança portuguesa dita de "aranhões", com esmalte branco e decorado a azul-cobalto e vinoso de manganês.

Ao centro uma decoração tipicamente oriental, influência das porcelanas chinesas do reinado Wanli, pouco usual no período dos "aranhões", com uma paisagem exótica e uma figura masculina de turbante.

Aba com quatro aranhões alternando com pêssegos com ramagens, degeneração dos ramos estilizados de boninas.

Verso da aba com "S" estilizados a azul.





### 11. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, "Aranhões"  
Lisboa (?), séc. XVII – 2ª metade  
Dim.: 39,0 cm  
C437

A LARGE "ARANHÕES" DISH  
Glazed portuguese faience  
Lisbon (?), 17<sup>th</sup> c. – 2<sup>nd</sup> half  
Dim.: 39,0 cm

Bonito prato de faiança portuguesa de covo pouco acentuado e aba larga, esmaltado a branco e com decoração de "aranhões" pintada a azul-cobalto e vinoso de manganês. O fundo é preenchido com paisagem onde se destaca uma figura oriental segurando *umbella* e um perfil representando *Bella*, circundadas por diversos elementos vegetalistas.

Aba decorada com quatro aranhões alternando com quatro pessegueiros.  
Verso da aba não decorada.





### 12. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, “Aranhões”  
Lisboa (?), séc. XVII – 2<sup>a</sup> metade  
Dim.: 35,0 cm  
C436

A LARGE “ARANHÕES” DISH  
Glazed portuguese faience  
Lisbon (?), 17<sup>th</sup> c. – 2<sup>nd</sup> half  
Dim.: 35,0 cm

Raro prato de grandes dimensões, em faiança portuguesa de covo pouco acentuado e aba larga, coberta de esmalte branco com decoração de aranhões, a azul-cobalto e vinoso de manganês.

O fundo é preenchido por um majestoso brasão de armas em pleno, de Almeidas, limitado por duplo filete.

Aba composta por “Aranhões”, estilização das flores de artemisa e de rolos de pintura envoltos em cordões, que alternam com “pessegueiros com ramagens” inspirados nas decorações dos pratos de porcelana da China do reinado Wanli (1563-1620).

No verso da aba, “S” estilizados a azul.

Provável encomenda de D. Miguel de Almeida (?) (1630-1691), filho do Conde de Avintes.



**13. AQUAMANIL**

Faiança portuguesa  
Lisboa (?), 1620-1640  
Alt.: 26,5 cm  
C427



AN "AQUAMANILE"  
Glazed portuguese faience  
Lisbon (?), 1620-1640  
Height.: 26,5 cm

Raríssima garrafa – *aquamanil* em faiança portuguesa da primeira metade do séc. XVII, coberta de esmalte branco e pintada a azul-cobalto.

Peça moldada e modelada, com cabeça de burro, corpo feminino e cauda de peixe. A parte humana revela pescoço alto, ombros largos, tronco em barril e peitos fartos. Da base emerge uma longa cauda enrolada que termina junto à cabeça, desenhando a pega.

Está profusamente decorada com elementos vegetalistas, enrolamentos, composição de flores e “rede”, simulando a vestimenta estilizada da figura.

Estas formas fantásticas, monstruosas, pertencem à imaginária gótica das gárgulas de inspiração maneirista grotesca.

A garrafa seria usada como recipiente para servir água em refeições de cerimónia, numa época em que a arte da mesa assume cada vez maior importância, devido à introdução de alimentos exóticos provenientes da África, Ásia e Américas.



São Roque



#### 14. POTE

Faiança portuguesa  
Lisboa (?), 1630-1640  
Dim.: 40,0 cm  
C440

A LARGE JAR  
Portuguese Faience  
Lisbon (?), 1630-1640  
Dim.: 40,0 cm

Imponente e raro pote em faiança portuguesa do séc. XVII, pintado a azul-cobalto sobre esmalte branco, peça rodada, de forma ovóide e bulbosa, com colo demarcado e duas asas.

A decoração densa que preenche integralmente toda a superfície do pote, testemunha o *horror vacui*, característica derivada de modelos islâmicos. Embora tenha nítida influência oriental, os temas centrais, duas figuras femininas com características ocidentais, encontram-se inseridas numa paisagem de sabor orientalizante.

Numa face a personagem está carregada de frutos na cabeça e na grande cornucópia que ostenta no regaço, simbolizando a

Terra, num cenário de arvoredo com ramos floridos, com um casal de lebrões e uma roda budista por cima de duas gaiolas de pássaros, tudo numa perfeita simbiose de elementos; do outro, uma dama num varandim, trajando saia comprida com corpete justo assinalando a cintura, mangas compridas com punhos de renda e gola larga, segura um pássaro na mão e cheira uma flor, rodeada por densa vegetação onde se destaca uma romãzeira e pássaro em pleno voo. Embora se admita poder representar uma fidalga, eventualmente a encomendante da peça, está vestida com traje anterior à época do fabrico do pote, o que nos leva a crer que se possa tratar de uma representação da Primavera tirada de uma gravura.

Estes dois quadros estão separados por um painel retangular vertical sob a asa, com um mascarão, motivo oriundo da Grécia usado nas representações teatrais e destinados a esconder a expressão humana, entre volutas e elementos vegetalistas que sobressaem de um fundo a azul-cobalto.

Ombro com ramos de boninas terminando num colo curto decorado com volutas e bordo revirado.

Na base, reservas emolduradas por barras e filetes, circunscrevendo formas lanceoladas, vazadas em folhas de palmeira, inspiradas nas cabeças de *ruyi*, que encontramos nas porcelanas Ming. A Europa dos séculos XVI e XVII tenta produzir a pasta dura e vidrada das porcelanas que lhe chegavam da China, não conseguindo no entanto, ir além de faianças, que decora com motivos orientais inspirados na gramática decorativa dos Ming: gamos, aves, flores, frutos, personagens e símbolos são pintados até à exaustão nas composições que preenchem as faianças portuguesas de seiscentos.

Estamos em presença de um exemplar concebido a partir da combinação de diferentes influências e a análise iconográfica revela-nos uma profunda e complexa teia de significados. O período barroco é pródigo no emprego da linguagem simbólica difundida na época, quer pelas gravuras, quer pelas obras impressas ou manuscritas, a partir das quais os artistas reproduziam os símbolos, destinados a serem descodificados pelo observador, convertendo-os em património coletivo.

Na linguagem simbólica, a Terra é representada por abundantes flores e frutos, que traduzem





a efemeridade da matéria, a fugacidade dos bens e dos prazeres terrenos. Cesare Ripa, no seu tratado de iconologia, usa-os como atributos simbólicos dos sentidos, porquanto nos permitem saborear, cheirar e observar. Tanto as flores como os frutos são símbolos de beleza natural que se opõem à matéria inventada pelo homem e neste sentido, também nos inspiram ao sublime e ao divino.

A Dama que simboliza a Primavera, num cenário idílico de flores, frutos e pássaros exóticos, olha com doçura para um pássaro pousado na sua mão. Estes representam o espírito em oposição à matéria e o voo inspira a uma evasão do mundo terreno, que ao separar-se da terra se torna quase etérea. As flores que envolvem a figura, de corolas abertas ou pintadas de perfil, pretendem simbolizar a esperança, crescendo da terra mas desabrochando na luz, alegoricamente representando o jardim do paraíso perdido.

O casal de lebrões abrigados debaixo de uma árvore simboliza a fecundidade, a romãzeira com seus frutos abertos e sementes vermelhas alude à “ressurreição” e à “esperança”, e as palmas são um símbolo da vitória de Cristo sobre a morte, na iconografia cristã.



## 15. GARRAFA

Faiança portuguesa  
Lisboa, 1610-1620  
Dim.: 29,8 cm  
C429

A "WANLI" BOTTLE  
Glazed portuguese faience  
Lisbon, 1610-1620  
Dim.: 29,8 cm

Extraordinária e raríssima peça em faiança portuguesa de formato islâmico e decoração inspirada em peças idênticas de porcelana da China.

Garrafa de bojo globoso, esférico, com pescoço alto, cilíndrico, terminando em bordo saliente.

Bojo com quatro *cartouches* decorados alternadamente com grandes arranjos de flores com ramos de boninas e rolos de papel, com motivo geométrico encadeado e laçadas. Separam estes medalhões retângulos com "cordão duplo e losango".

Ombro decorado com quatro reservas de rolos de papel, singelos ou com folhas, separadas por colonelos preenchidos com flor em ramo estilizado.

Pescoço com quatro painéis, alternando ramo vertical de folhas que termina numa bonina, com "cordão duplo e losango", um dos "Objectos Preciosos" na doutrina budista.

Podemos considerar esta garrafa de formato islâmico e decoração Wanli. A sua decoração tenta imitar na perfeição os motivos e os símbolos chineses. Segundo documentos da época, os portugueses na primeira metade de quinhentos não só conheciam perfeitamente a porcelana da China, como a importavam em largas quantidades. A maior influência oriental, no sentido da perfeição, ocorreu durante este reinado (1563-1620).

A assimilação revelou-se não só na qualidade da faiança, muito semelhante à da porcelana chinesa, como na decoração fielmente copiada das peças Wanli. Reynaldo dos Santos integrou as peças deste período (1600-1625), ao qual pertence o nosso exemplar, no primeiro ciclo da decoração de influência da porcelana da China. "(...) num primeiro relance sugeriam porcelanas originais (...)", tal é a qualidade das pastas e dos esmaltes.

A qualidade foi conseguida através de cuidadoso amassamento da pasta, conferindo pouca espessura ao objeto, de criteriosa escolha do azul, de extrema pureza do vidrado e de grande qualidade na pintura decorativa.

Podemos concluir que neste primeiro ciclo as temáticas decorativas são praticamente apenas orientais e a única cor utilizada é a azul.

Conhecem-se unicamente 3 peças com este formato. Para além deste exemplar existe um de dimensões semelhantes no Museu de Colónia (Nº inv.: E 531, folha 11351-11408) e outro numa colecção privada europeia.



São Roque





16. POTE "BELLAS"

Faiança portuguesa  
Lisboa (?), séc. XVII – 2ª metade  
Dim.: 19,0 cm  
C428

A "BELLA'S" JAR

Glazed portuguese faience  
Lisbon (?), 17<sup>th</sup> c. – 2<sup>nd</sup> half  
Dim.: 19,0 cm

Elegante pote em faiança portuguesa do séc. XVII, de forma ovóide com duas asas, decorado a azul e vinoso de manganês.

O bojo é decorado com dois bustos femininos "Bellas", influência da majólica italiana, com toucados à moda da época e separados por vegetação onde é notória a influência da porcelana chinesa.

Colo decorado com faixa de óvulos separados por contas, emoldurada por filetes e que termina com bordo revirado, realçado por faixa lisa azul-cobalto. Base com painéis contíguos, desenhando cabeças de ceptros de *Ruyi* com palmetas, segundo o modelo dos vasos da dinastia Ming.

Asas com singela decoração de filetes a azul e manganês.



São Roque

Frequentemente a louça de farmácia – canudos, boiões, jarros e xaropeiras – ostentam as insígnias das grandes ordens religiosas; carmelitas, dominicanos ou franciscanos, uma vez que em Portugal, e em quase toda a Europa, até aos finais do séc. XVIII as farmácias só existiam nos conventos e mosteiros.

As grandes casas religiosas dispunham de grandes boticas, destinadas a fabricar remédios para os monges e freiras, mas também para a comunidade da região que as cercava. Funcionavam sempre nas imediações de um jardim ou horto botânico, uma vez que os medicamentos eram, invariavelmente, feitos a partir de ervas, plantas, flores, sementes, etc.

Os canudos de farmácia são peças rodadas de forma cilíndrica sempre feitas sob encomenda para a Farmácia Conventual ou para a Farmácia laica.

A tarja identificadora do produto a que se destinava estaria em branco, sendo o seu conteúdo pintado directamente a frio.

#### 17. MANGA DE FARMÁCIA

Faiança vidrada  
Séc. XVII – 1ª metade  
Alt.: 28,0 cm  
C/30

AN APOTHECARY JAR  
Glazed faience  
17<sup>th</sup> c. – 1<sup>st</sup> half  
Height: 28,0 cm

Elegante canudo de farmácia, de forma cilíndrica, com ligeiro estrangulamento central, base reentrante e bordo revirado para o exterior. A pasta está coberta de esmalte branco e com decoração pintada a azul-cobalto.

Corpo dividido em quatro largos painéis retangulares verticais, preenchidos alternadamente com elementos vegetais e um padrão geométrico, desenhando grade, com espirais. Termina junto à base com dois filetes.

Pescoço com uma cercadura de barras em azul, terminando em bordo revirado.





Sã

o P  
o u e

S

o P  
o u e

o P  
o u e

**18. MANGA DE FARMÁCIA**

Faiança portuguesa, “Desenho miúdo”

Lisboa (?), 1660-1680

Alt.: 25,0 cm

C438

**A “DESENHO MÍUDO” APOTHECARY JAR**

Glazed portuguese faience

Lisbon (?), 1660-1680

Height: 25,0 cm

Canudo de botica ou manga de farmácia, em faiança portuguesa de formato cilíndrico, ligeiramente cintada, decorada com padrão de “desenho miúdo” a azul-cobalto e roxo vinoso de manganês sobre esmalte branco.

Bojo com “cartela barroca” larga oblíqua, com a inscrição na tarja MIRABELET. A tarja é circundada por paisagem com rochedos e vegetação com um pássaro em pleno voo.

O corpo está limitado por larga barra de gregas, fazendo a transição para a base e o bordo, que estão avivados por friso.

Figurou em: / Exhibited at:

- Exposição de Cerâmica Ulissiponense, Lisboa 1936





19. MANGA DE FARMÁCIA

Faiança portuguesa  
Lisboa (?), séc. XVII (?)  
Alt.: 24,5 cm  
C439

AN APOTHECARY JAR  
Glazed portuguese faience  
Lisbon (?), 17<sup>th</sup> c. (?)  
Height: 24,5 cm



Bela manga em faiança portuguesa, de forma cilíndrica, com ligeiro estrangulamento no centro, decorada predominantemente a azul e vinoso sobre esmalte branco.  
Bojo com cartela retangular, larga e oblíqua, com a inscrição S.BUGLOZI, e preenchido com múltiplas boninas sobre fundo azul-cobalto.  
Colo com cercadura vegetalista e base com filete remata a composição da manga.





20. BOIÃO DE BOTICA

Faiança portuguesa, "Cartela barroca"

Lisboa (?), finais séc. XVII

Dim.: 20,0 cm

C359

A DRUG POTLET

Glazed portuguese faience

Lisbon (?), 17<sup>th</sup> c. - 2<sup>nd</sup> half

Dim.: 20,0 cm

Boião de botica bojudo, com bordo saliente e decoração a azul-cobalto no corpo que se prolonga pelo colo e a base.

Bojo com cartela rectangular, de contornos duplos, com a legenda "HEJRPIC". A cercadura está rodeada por elementos vegetalistas enrolados em volutas.



### 21. POTE DE BOTICA

Faiança portuguesa, “Cartela barroca”  
Lisboa (?), finais séc. XVII  
Dim.: 26,0 cm  
C360

### AN DRUG JAR

Glazed portuguese faience  
Lisbon (?), 17<sup>th</sup> c. – 2<sup>nd</sup> half  
Dim.: 26,0 cm

Belo boião de botica de forma ovóide e com decoração pintada azul-cobalto. O bojo apresenta uma elegante reserva com as insígnias da Companhia de Jesus – IHS circundada por uma “cartela barroca” com folhas de acanto e é encimado por coroa real. Este tipo de potes foi produzido expressamente para utilização nas farmácias. Decorados a azul, os potes possuem unicamente uma “cartela barroca” que envolve o listel onde estão as insígnias da ordem religiosa a que pertencem.

SÃO ROQUE, ANTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE RUA DE S. BENTO 199B e 269, 1250-219 LISBOA T+F +351 213 960 734 T +351 962 363 260 E GERAL@SAOROQUEARTE.  
PT \$ WWW.ANTIGUIDADESSAOROQUE.COM \$ COMPILAÇÃO E ORGANIZAÇÃO MARIA HELENA ROQUE, MÁRIO ROQUE, SARA BOTELHO, GRAÇA LOMELINO,  
ANTÓNIO AFONSO LIMA, ANA ANAHORY \$ EDIÇÃO SÃO ROQUE \$ FOTOGRAFIA JOÃO KRULL E EDUARDO PULIDO \$ EDIÇÃO E TRATAMENTO DE IMAGEM  
EDUARDO PULIDO E EPULIDO@CASEFAZ.COM \$ DESIGN JOSÉ MENDES GRAPHIC DESIGN STUDIO E JMENDESIGN@MAC.COM \$ TIPOGRAFIA CHAPARRAL PRO  
DE CAROL TWOMBY \$ PRÉ PRESS BBCE, COMUNICAÇÃO E EVENTOS \$ IMPRESSÃO E ACABAMENTO AGIR, PUBLICAÇÕES GRÁFICAS \$ DEPÓSITO LEGAL 372622/14 \$ \$\$  
TIRAGEM 100 EXEMPLARES \$ ABRIL DE 2014 INTERDITA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL \$ ©SÃO ROQUE 2014